

Documento de Registro de Entrevista para o site de memória MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Roberto de Godoy

Centro de Memória Etec Cônego José Bento

Jacareí, SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Júlia Naomi Kanazawa

Instituição: Escola Técnica Estadual Cônego José Bento, em Jacareí

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Roberto de Godoy foi um dos selecionados para ser entrevistado no Projeto HAE/2018 - A cultura material e as práticas educativas do Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento (1969-1975), coordenado pela entrevistadora. A entrevistadora tinha referências de Roberto Godoy desde a entrevista que realizou com Maria Luiza Rezende, ex-aluna da turma feminina do curso de Iniciação Agrícola, ex-funcionária da Etec Cônego José Bento, e irmã de Olga Rezende, casada com Godoy. Edmilson José Tavares Pimenta, ex-aluno e funcionário da Etec Cônego José Bento, também já tinha feito a indicação para entrevistá-lo.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Júlia Naomi Kanazawa

A entrevista com Roberto de Godoy foi realizada em 27 de setembro de 2016 como uma das atividades do Projeto A cultura material e as práticas educativas do Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento (1969-1975). No entanto, parte dela passou a integrar o projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), cujas finalidades são subsidiar a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019, envolvendo os docentes que atuam no GEPEMHEP com projetos de HAE, e que empregam a história oral como metodologia de pesquisa; e capacitar os docentes por meio dos Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018.

Local da entrevista: Centro de Memória Etec Cônego José Bento, Jacareí-SP

Data: 27 de setembro de 2018

Técnico de gravação: Júlia Naomi Kanazawa

Duração da entrevista: 50 minutos e 44 segundos

Número de vídeos: 4 (quatro)

Transcritora: Júlia Naomi Kanazawa

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

A entrevista com Roberto de Godoy foi realizada no contexto do projeto HAE/2018 A cultura material e as práticas educativas do Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento (1969-1975), que a entrevistadora desenvolve, e parte dela, relacionada à sua história de vida, acadêmica e profissional passou a integrar o projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”. Roberto de Godoy foi aluno (Escola Profissional Mista Agrícola e Industrial Cônego José Bento), trabalhador diarista (Escola Profissional Mista Agrícola e Industrial Cônego José Bento), mestre (Escola Prática de Agricultura Cônego José Bento), professor (Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento) e assistente de direção (Escola Estadual de 2º Grau Cônego José Bento).

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 28 a 30 de setembro de 2018

Nome do transcritora: Júlia Naomi Kanazawa

Vídeo 1 (12 minutos e 35 segundos)

JNK: Boa tarde senhor Roberto. Obrigada atender ao pedido nosso. O senhor poderia começar falando quando o senhor nasceu, onde... Por favor, seu Roberto.

RG: Nasci no dia 17 de junho, em 1930, em Lorena. Meus pais trabalhavam lá na Central do Brasil antiga e aí fui crescendo.

JNK: Daí, o senhor veio pra cá, quando?

RG: Fiz a escola primária, o grupo escolar e vim prá cá, em 1945.

JNK: Com os pais do senhor...

RG: Não, vim prá cá estudar.

JNK: Ah, aqui na Escola.

RG: Naquela época morava em Piquete.

JNK: Com quantos anos?

RG: Com 14 anos.

JNK: Daí, o senhor ficou no internato?

RG: Fiquei no internato.

JNK: O senhor tinha quantos irmãos na época?

RG: Na época, tinha dois irmãos.

JNK: E, por que o senhor escolheu essa escola para estudar?

RG: Foi através de uns rapazes que tinham estudado aqui. Em Piquete tinha fábrica de pólvora, onde trabalhavam funcionários e aí morava na estação, e falaram para o meu pai que seus filhos tinham formado aqui.

JNK: Quando o senhor entrou aqui, qual era a formação daqui?

RG: Era o seguinte, na época saia formado Operário Agrícola. Fazia três anos aqui, do primeiro ao terceiro ano, e fazia o quarto ano, um curso de especialização, em Espírito Santo.

JNK: Formou ali. (barulho do sinal da Etec)

JNK: Dai o senhor vinha de trem, ficava aqui e quanto tempo ficava sem voltar prá casa?

RG: As vezes dava um feriado e meu pai vinha me buscar, pegava o trem.

JNK: Quando o senhor estudou aqui tinha muitos alunos?

RG: Mais ou menos na faixa de 200, sempre essa média.

JNK: Só masculino.

RG: Só masculino.

JNK: E, vários colegas do senhor, então, vinham de diversos lugares do Brasil.

RG: Do Brasil inteiro.

JNK: Depois então que o senhor se formou em Espírito Santo do Pinhal, ai o senhor...

RG: Vim fazer estágio aqui. Tinha que fazer estágio para completar o curso, quatro meses, tinha que fazer estágio numa fazenda, numa propriedade agrícola ou numa escola.

JNK: Daí, o senhor ficou aqui como funcionário, professor...

RG: Como funcionário.

JNK: E, como professor, o senhor deu aula do quê?

RG: De criações e pequenos animais.

JNK: Naquele tempo, como era a formação do professor?

RG: Normalmente, na parte técnica era engenheiro agrônomo. Na parte de matérias de Geografia, História, eram professores de Geografia, de História.

JNK: Assim, o senhor pode dar aula na parte técnica.

JNK: Sr. Roberto, hoje o Sr. está com quantos anos?

RG: 88 anos.

Vídeo 2 (12 minutos e 36 segundos)

JNK: O Sr quando se formou em Pedagogia, era... era para dar aulas ou por que precisava ...

RG: De título. Precisava de título para poder dar aula. Daí houve uma exigência do MEC, da Diretoria de Ensino, eles vieram aqui e disseram: - Se vocês quiserem continuar, vocês tem que fazer Pedagogia. Daí tinha 10, 12 colegas, tudo na nessa situação, mas só dois eu e mais um fizemos. O resto não quis fazer, não sei por que.

RG: Não quiseram fazer, acharam isso bobagem. Daí, depois, reclamavam: - Você ganha mais que nós. Vocês não fizeram Pedagogia.

JNK: O tempo que o senhor deu aula aqui era para o colégio?

RG: Já era colégio.

JNK: Não era ginásio.

JNK: E o senhor, chegou a dar aula para a turma feminina aqui também

RG: Feminino, por pouco tempo. No começo, em 1951 por aí, abriu para o feminino, mas era no mesmo nível do masculino. E elas tinham umas matérias, chamava economia doméstica, que era cozinhar e bordar, fazer essas coisas de mulheres; elas tinham aulas práticas dessas coisas e ia para a prática de apicultura, aviário, mas esses lugares mais leves.

JNK: E aí, o senhor chegou a dar aula para essa turma então...

RG: Apicultura, elas iam lá no apiário, mas elas tinham medo de abelhas. (risos) Então era um problema. A gente contornava a situação, não podia obrigar, que era pior. Daí só aprendia mais a parte teórica.

JNK: E mais tarde o Sr deu aula, então pro pessoal do Colégio também aqui.

RG: Mas, só por pouco tempo. Mas, depois passei para a parte administrativa, logo. Fiz Pedagogia. Precisou de um assistente na Escola que tinha que ter Pedagogia. Daí eles me convidaram.

JNK: Daí, o senhor foi assistente de quem?

RG: Do Antônio, da dona Ana, da Eunice, de todos eles.

JNK: Mas, o senhor também exerceu o cargo de diretor?

RG: Quando eles saíam eu exercia o cargo de diretor.

JNK: Mas o senhor sempre ficou na condição de assistente?

RG: Sempre na condição de assistente. No final, que não tinha ninguém, daí a Delegacia de Ensino: Oh, você Roberto pega a direção da Escola lá, porque você tem experiência, já conhece. Ninguém queria vir prá cá.

JNK: Por que?

RG: Porque ninguém entendia nada de Escola Agrícola. Era complicado, porque tinha animais para cuidar. Aqui era uma fazenda prá cuidar. E tinha o internato também, se não soubesse levar, internato se você sabe como é a molecada. E, tinha os internos, então a gente como já sabia de tudo, conseguia contornar a situação.

JNK: Como professor, o senhor tinha dificuldades aqui?

RG: Nas matérias, não.

JNK: De estrutura física, de recursos pedagógicos?

RG: Recursos que tinha, era o que estava acostumado, eu aprendi naquilo ali, continuou a mesma coisa.

JNK: Não tinha livros?

RG: Livros, tinha. A gente que comprava livros. Procurava ver a evolução, para se atualizar. Dava aulas de pequenos animais, aula de avicultura, apicultura...

JNK: O senhor se lembra de algum livro que o senhor usou como professor.

RG: É difícil lembrar.

JNK: O senhor trabalhou aqui na época da ditadura militar seu Roberto. Como era o cotidiano nessa época aqui?

RG: Para mim essa ditadura militar passou como qualquer coisa.

JNK: Qualquer governo.

RG: Qualquer governo. Inclusive, até ajudavam a gente. A gente era bem aceito. Alunos nossos faziam tiro de guerra e era tudo normal. E essa ditadura passou e não acontecia nada. Você sempre trabalhando direitinho, trabalhando honestamente, ninguém se incomoda com você. Então eu graças a deus, levava a minha vida pausada, não bebia muito. Não teve nenhum problema sério

JNK: A Escola, então não enfrentou. Continuou a sua rotina normalmente?

RG: A gente ia muito para São Paulo; passava em todos os comandos, mas ninguém brecava. Ia e voltava tranquilo.

JNK: A polícia nunca controlou nada?

RG: Nada.

JNK: Não vinha conferir material nada? Não tinha nada assim de vigilância, de repressão?

RG: Não tinha nada não. Só se eles chamassem, não havia necessidade.

RG: Quando terminou o meu estágio, o diretor Francisco [disse]: - Oh, Roberto, não quer ficar trabalhando aqui? Como estagiário, morava aqui. O diretor falou: - Não, você fica aí, você ajuda nós na vigilância a noite, eu tinha aquele quarto lá em cima, então a noite, na vigilância, acordava a turma de manhã, dava lanche.

JNK: Olha que interessante.

RG: Dava lanche para a criançada.

JNK: E, depois?

RG: Depois, continuei aqui.

JNK: Continuou aqui?

RG: Até casar.

JNK: E mesmo como professor, continuou aqui?

RG: Depois fui morar na cidade, mas, um bom tempo da minha morava aqui.

JNK: Daí, o senhor casou com a irmã da dona Maria Luiza, dona Olga. E a dona Olga estudou aqui também.

RG: Estudou aqui também, nessa época que eu falei para você.

JNK: Que senhor deu aula para ela também, certo.

JNK: Como assistente de direção, o senhor, foi muito difícil, administrar a Escola?

RG: Não foi, porque eu já conhecia tudo. Para mim foi, era, fácil, né?

Vídeo 3 (12 minutos e 36 segundos)

JNK: O senhor acha que a formação lá em Espírito Santo foi melhor, foi bom?

RG: Lá era bom porque era uma escola maior, né. E tinha umas matérias diferentes daqui, lá era região de café e tinha uma matéria só de cafeicultura, sabe, só sobre café, era bonita o açude e eu gostava de estudar. E... tinha parte de laticínios, que era mais avançado.

JNK: Tinha mais recursos?

RG: Tinha mais recursos, os recursos eram praticamente eram os mesmos, mais eram instalações.

JNK: O dr. Fernão, o senhor trabalhou com ele?

RG: Trabalhei.

JNK: Ele foi professor do senhor também?

RG: Sim.

JNK: E, na época que o senhor que foi aluno aqui, o senhor assim, estudava o dia todo, como que era?

RG: Morava aqui.

JNK: Como funcionava o horário de aulas?

RG: 6h tinha que levantar. Tomava café as 7h dai ia para a aula prática, tinha escala. Cada dia ia para uma cultura, outro dia para aviário, outro dia para suinocultura, outro dia para horta, Daí 11h subia, 10h30min, 11 subia, tomava banho e almoçava e depois tinha aulas teóricas

JNK: Quais eram essas aulas teóricas?

RG: Aula teórica era aula de Agricultura, parte agrícola, parte de criação de animais, a parte de industrialização agrícola. Depois tinha aulas teóricas: Português, Matemática, Ciências.

JNK: De agricultura, quem dava aula?

RG: Quem dava aula era Dr. Fernão, dr. Clóvis, os mestres, o mestre Antoninho. Daniel, Daniel Zilli. Daniel morreu logo depois, coitado.

JNK: O seu Daniel Zilli também deu aula com o senhor aqui?

RG: Deu, depois eu vim trabalhar com ele, fui auxiliar dele. Ele era da parte da apicultura e ele falou: - Roberto, fica aí.

Vídeo 4 (12 minutos e 36 segundos)

JNK: E o uniforme, vocês usavam uniforme, seu Roberto?

RG: Na época usava...

JNK: Como que era o uniforme?

RG: Chamava aqui brim cáqui, amarelo

JNK: Macacão?

RG: Não, era calça e a camisa, botina.

JNK: E a mecânica, seu Roberto?

RG: A mecânica era a mecânica agrícola, que mexia com trator.

JNK: O senhor lembra do seu Arnaldo Laurindo?

RG: O Arnaldo Laurindo foi diretor aqui.

JNK: Na época do senhor?

RG: Quando entrei aqui, ele era diretor. Dai, quando fechou a Escola...

JNK: Fechou a Escola na época dele?

RG: Então, dai, ele foi para Superintendência de Ensino de SP e daí nós fomos para Pinhal, segundo e terceiro ano, e eu era do segundo ano; e o primeiro ano foi para São Manuel.

JNK: Mas, ficou pouco tempo fechado seu Roberto.

RG: Ah, ficou. Por política. Daí entrou o outro, Ademar de Barros e a política de Jacareí era forte. Tinha professor que era do [seu] partido, seu Luiz Araújo Máximo, professor de Matemática e o irmão dele era também E, eles gostavam da Escola e eles “trançaram os pauzinhos” lá, e voltou tudo.

JNK: Por que fechou a Escola?

RG: Por questão política, fechou sem mais sem menos, não sei por que fecharam, até hoje...

JNK: Tinha assim, dia da semana que podia sair?

RG: Tinha, duas vezes por semana podia sair. Tinha época que, tinha época que soltava.

JNK: Para onde vocês iam?

RG: A gente ia na cidade, na praça. 10h tinha que estar aqui.

JNK: Alguém acompanhava?

RG: Não, a gente ia sozinho, pelo bairro.

JNK: Vocês tinham livre acesso a todos os espaços da escola?

RG: Sim.

JNK: Poderia andar?

RG: Poderia andar, ninguém se incomodava. Todo mundo ia no pomar, lá, chupar laranja.

JNK: O senhor tem quantos filhos?

RG: Quatro filhos, oito netos e seis bisnetos.

JNK: Além da Escola, o senhor trabalhou em outro lugar, sempre foi?

RG: Só aqui mesmo.

JNK: O senhor não sentia saudades da casa dos pais quando estudava aqui?

RG: Sentir, sentia, mas acostumei.

JNK: E, a esposa está com quantos anos?

RG: 83 anos.

Descritores

Escola Profissional Mista Agrícola e Industrial

Jacareí

Operário Agrícola

Internato

Masculino

Espírito Santo do Pinhal

Especialização

Estágio

Fazenda

Propriedade agrícola

Mestre

Professor

Turma feminina

Apicultura

Pedagogia

Ditadura militar

Cotidiano

Abelhas

Daniel Zilli

Uniforme

Arnaldo Laurindo

Espaço escolar

Dados Biográficos do Entrevistado



Roberto de Godoy nasceu no dia 17 de junho de 1930, em Lorena, SP. Ingressou na Escola Profissional Mista Agrícola e Industrial Cônego José Bento aos 14 anos e formou-se como operário agrícola. Complementou sua formação na Escola Profissional de Pinhal, São Paulo. Retornou para a Escola e atuou como estagiário, trabalhador diarista, mestre na Escola Prática de Agricultura Cônego José Bento e como professor no Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento. Cursou Pedagogia e tornou-

se assistente de direção, cargo que se aposentou, em 1985. Casou-se com Olga Rezende, ex-aluna da turma feminina de Iniciação Agrícola; tem quatro filhos, oito netos e seis bisnetos; e, atualmente, mora em Jacareí, SP.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Júlia Naomi Kanazawa é licenciada em História (1990) pela Universidade Estadual Paulista. Mestre em Ciências (História Social, 2008) pela Universidade de São Paulo. Doutoranda em História da Educação na Universidade Estadual de Campinas. Docente da Etec Cônego José Bento / CEETEPS-SP, também deu aulas na Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em ensino-aprendizagem. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: história e memória da educação profissional e imigração japonesa. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza e curadora do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Roberto de Godoy

Termo de Autorização para uso de Imagem de Roberto de Godoy